

Design da Informação e Gênero: intersecções e lacunas nas pesquisas brasileiras (2020–2024)

Diseño de la Información y Género: intersecciones y brechas en las investigaciones brasileñas (2020–2024)

Information Design and Gender: intersections and gaps in Brazilian research (2020–2024)

Guilherme Cardoso Contini, Gabriela Simão Dias, Luis dos Santos Miguel, Manuela de Azambuja, Fernanda Henriques

Design da Informação, gênero, sociedade, feminismo, teoria *queer*

Este artigo objetiva compreender como o conceito de gênero foi discutido nas pesquisas sobre Design da Informação publicadas em periódicos e anais de congressos brasileiros entre 2020 e 2024. Conduziu-se uma revisão de literatura, reunindo artigos científicos que abordam esse tema para analisar o papel do design na configuração de informações relacionadas a gênero. A partir das perspectivas do feminismo e da teoria *queer*, discute-se em que medida a abordagem do Design da Informação é usada para a manutenção de normas excludentes. Verificou-se que os estudos analisados apresentam predominância de abordagens feministas; no entanto, há escassez de pesquisas voltadas à teoria *queer* e interseccionalidade.

Diseño de la Información, género, sociedad, feminismo, teoría queer

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo se ha discutido el concepto de género en las investigaciones sobre Diseño de la Información publicadas en revistas y actas de congresos brasileños entre 2020 y 2024. Se llevó a cabo una revisión de la literatura, recopilando artículos científicos que abordan este tema para analizar el papel del diseño en la configuración de la información relacionada con el género. Desde las perspectivas del feminismo y la teoría queer, se discute hasta qué punto el enfoque del Diseño de la Información se utiliza para mantener normas excluyentes. Se constató que los estudios analizados presentan una predominancia de enfoques feministas; sin embargo, hay una escasez de investigaciones centradas en la teoría queer y la interseccionalidad.

Information Design, gender, society, feminism, queer theory

This article aims to understand how the concept of gender has been discussed in Information Design research published in Brazilian journals and conference proceedings between 2020 and 2024. A literature review was conducted, gathering scientific articles that address this subject to analyze the role of design in shaping gender-related information. From the perspectives of feminism and queer theory, the discussion explores the extent to which the Information Design approach is used to uphold exclusionary norms. It was found that the analyzed studies predominantly adopt feminist approaches; however, there is a lack of research focused on queer theory and intersectionality.

1 Introdução

Nas sociedades ocidentais, o patriarcado compreende a expansão do poder masculino hegemônico, criando uma cultura central e estrutural gerada pelo princípio da dominação-exploração. Em contraposição, o feminismo parte do pressuposto de que todos têm direito à igualdade de oportunidades e reconhece as diferenças entre as pessoas como formas de empoderamento. Sob essa premissa, os estudos feministas passam a demonstrar que as características sexuais das pessoas são representadas e valorizadas de maneira desigual, formulando então o conceito de “gênero” (Teles, 2023).

Conforme Louro (2003), gênero é um termo utilizado para enfatizar um processo de construção histórico e cultural no qual aspectos biológicos afetam papéis sociais e, portanto, é concretizado nas e pelas relações marcadas por uma hierarquia de poder. Enquanto mecanismo, sustenta a produção e naturalização das noções de masculino e feminino, mas “gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados” (Butler, 2014, p. 253).

Compreende-se a existência de um sistema binário “sexo-gênero” que reside estruturalmente nas sociedades ocidentais e influencia na suposição da construção de apenas dois tipos de identidades. Desconstruir essa perspectiva significa perturbar a ideia de uma única via que exclui diversas outras características de reconhecimento individual (quem se é e se deseja ser). As identidades são, portanto, plurais, múltiplas e passíveis de transformação.

Ao serem incluídas no conceito de gênero, as narrativas e práticas do Design são diversificadas e atendem de forma eficaz aos problemas complexos do contemporâneo. A relação entre “design” e “gênero” é necessária para que campos criativos como o Design revoguem projetos que promovam a hegemonia e impeçam o pensamento transgressor, visando a atender de maneira eficiente à diversidade de usuários. Para alcançar essa perspectiva de pluralidade, os designers precisam desmistificar e renovar o conceito de gênero nos projetos (Pelúcio Silva et al., 2023).

Em relação à aproximação dos designers aos estudos de gênero e sexualidade, é indispensável compreender a necessidade de sensibilização do campo ao que é chamado de estudos *queer*. A palavra “*queer*”, originalmente com o significado de “estranho” ou “desviado” das normas, foi apropriada por pesquisadores da área como forma de resistência. Estes estudos reafirmam que há uma centralidade de mecanismos sociais, conectados ao binarismo hetero/homossexual, na vida social contemporânea, atendo-se a uma política da diferença (Miskolci, 2009).

Segundo Louro (2001), a teoria *queer* está diretamente relacionada a uma política pós-identitária, vinculada ao pensamento ocidental contemporâneo, que problematiza as noções tradicionais e clássicas de sujeito e de identidade desde o século XX. A necessidade de uma mudança epistemológica contundente é visível, frente à lógica binária sobre, por exemplo, a hierarquização, dominação e exclusão, exigindo uma abordagem de desconstrução.

No que diz respeito ao Design, o *queer* apresenta-se como fator de sensibilização ao campo, de “*queerização*” (Portinari, 2017). Alguns aspectos dos projetos e pesquisas em Design podem ser devidamente estruturados e pensados a partir de uma perspectiva *queer*. Práticas cis-heteronormativas nesse campo estão, cada vez mais, sendo problematizadas e repensadas, através do olhar para as diferenças e invisibilidades.

Pettersson (2002) afirma que o Design da Informação abrange princípios como “facilitar o aprendizado, fornecer uma estrutura clara de uma mensagem, fornecer clareza, simplicidade, unidade, garantir uma alta qualidade da mensagem e limitar os custos totais” (p. 44, tradução nossa). Assim, esses estudos são direcionados para compreender como uma representação deve ser projetada no intuito de proporcionar a melhor comunicação possível entre emissores e receptores de uma determinada mensagem. Frascara (2011), por sua vez, complementa que essa abordagem é fundamentalmente centrada no usuário e carrega uma dimensão ética e social, uma vez que considera o “outro”, reconhecendo e respeitando sua diferença.

Cabe ressaltar que Berwanger (2016) propõe uma junção entre os estudos de Design e Sociedade, ao afirmar que o design não se limita a criações físicas, criativas e técnicas, mas envolve também um pensamento simbólico, crítico e social. Trata-se de uma prática que busca resolver problemas funcionais diretamente relacionados às demandas do mundo contemporâneo. Por isso, é possível dizer que o designer analisa o *habitus* de grupos sociais para compreender suas predisposições simbólicas de novos produtos.

Nesse contexto, este estudo parte da premissa de que o Design deve combater as desigualdades sociais e apoiar comunidades que enfrentam injustiças. Sobretudo, defende-se a responsabilidade do campo para com a reformulação de suas próprias teorias e práticas, visando a promover intervenções em sistemas e estruturas prejudiciais, como o patriarcado e a cis-heteronormatividade.

Sob o entendimento de que o Design da Informação também tem historicamente perpetuado esses valores e que é preciso pensá-lo como uma abordagem que propõe a apresentação da informação em compromisso com a precisão e diversidade, o objetivo deste estudo consiste em explorar a literatura publicada em congressos e periódicos brasileiros para refletir sobre a relação entre o Design da Informação e as questões de gênero.

Em primeiro momento, apresenta-se o estudo e os procedimentos metodológicos utilizados. Depois, expõe-se os artigos selecionados segundo critérios de uma revisão narrativa, seguidos de uma discussão crítica e interpretativa acerca do assunto. Finalmente, conclui-se com perspectivas sobre as complexidades culturais e sociais para que pesquisas futuras considerem visões inclusivas e múltiplas. A realização deste estudo está vinculada ao Grupo de Pesquisa “Design Gráfico Inclusivo: visão, audição e linguagem” da FAAC (Unesp Bauru), sob liderança das professoras Fernanda Henriques e Cassia Leticia Carrara Domiciano. Um dos focos do grupo é desenvolver estudos envolvendo populações vulneráveis e socialmente marginalizadas (tais como mulheres, pessoas com deficiência e a comunidade LGBTQIAP+).

Procedimentos Metodológicos

Este estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. Investiga os temas “Design da Informação” e “gênero” em periódicos e anais de congressos brasileiros para explorar pesquisas, publicadas entre 2020 e 2024, que relacionam a temática da identidade de gênero (cisgênero, transgênero e agênero) aos estudos de gênero, sexualidade e feminismo no campo do Design da Informação.

Dessa forma, o desenvolvimento ocorreu a partir de quatro etapas:

1. Levantamento de questionamentos sobre Design da Informação e gênero, refletindo sobre como esses temas estão presentes na sociedade atual;
2. Busca bibliográfica por meio dos termos “Design da Informação” e “gênero” em anais dos congressos *CIDI & CONGIC*, *P&D Design* e *Ergodesign & USIHC*, assim como nos periódicos *Estudos em Design*, *Educação Gráfica*, *Design e Tecnologia* e *InfoDesign*. Caso a revista ou o congresso já fosse voltado para o Design da Informação (*CIDI & CONGIC* e *InfoDesign*), incluía-se apenas a palavra “gênero” na pesquisa;
3. Identificação de dez artigos, a partir da etapa anterior, que atenderam aos critérios estabelecidos de correlacionar Design da Informação e gênero.
4. Identificação de categorias temáticas entre os artigos selecionados, análise dos dados coletados e discussão crítica e interpretativa acerca da relação entre Design da Informação e gênero.

2 Desenvolvimento

A busca pelos periódicos e anais de congressos (Tabela 1) revelou uma prevalência nos resultados do uso isolado da palavra “gênero” no título, resumo e/ou palavras-chave, em comparação ao uso conjunto de “gênero” e “Design da Informação”. Outro aspecto relevante é a concentração das publicações no ano de 2024, o que evidencia um interesse recente por essa abordagem de pesquisa.

Tabela 1: Resultados das buscas “Design da Informação” e “gênero”

Bases de dados de periódicos e anais de congressos	Encontrado apenas “gênero” no título, resumo e/ou palavras-chave	Encontrado “Design da Informação” e “gênero” no título, resumo e/ou palavras-chave
CIDI & CONGIC	5	3
P&D Design	14	0
Ergodesign & USIHC	2	1
Estudos em Design	8	0
Educação Gráfica	3	0

Bases de dados de periódicos e anais de congressos	Encontrado apenas “gênero” no título, resumo e/ou palavras-chave	Encontrado “Design da Informação” e “gênero” no título, resumo e/ou palavras-chave
CIDI & CONGIC	5	3
P&D Design	14	0
Design e Tecnologia	1	0
InfoDesign	5	3

Entre os artigos selecionados para análise (Tabela 2), houve predominância de estudos com temáticas feministas. Em relação à distribuição geográfica das universidades de origem dos autores, foram identificados, no Brasil, três artigos do Nordeste, dois do Sudeste, dois do Centro-Oeste e dois do Sul, além de um internacional, de Portugal. Esse cenário é positivo, pois aponta que a temática vem sendo discutida em diferentes regiões do Brasil. Apesar da ausência de representações da região Norte, é possível perceber um interesse significativo na maior parte do país.

Tabela 2: Artigos selecionados para análise

Bases de dados de periódicos e anais de congressos	Ano	Títulos dos artigos analisados	Autoria dos artigos analisados	Universidades de origem dos autores
InfoDesign	2021	Análise semântica de capas tipográficas de livros feministas	Gabriela Araujo Ferraz Oliveira, Samara Lima	Centro Universitário AESO Barros Melo (UNIAESO) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Ergodesign & USIHC	2022	Avaliação da compreensão na visualização de dados sobre a Segregação Vertical de Gênero	Larissa Pereira Marques Cruz, Beatriz Santos de Paulo, Raquel Cordeiro, Manuela Quaresma	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
InfoDesign	2023	As pessoas que a história da DataViz ignora: um passo à frente para uma história interseccional da Visualização de Dados	Salomé Esteves	Universidade de Lisboa (ULisboa)

InfoDesign	2024	Visualização de dados para a promoção dos direitos das mulheres: uma análise dos gráficos do Observatório da Violência e do Feminicídio na Mulher	Helena Callaça Gadioli Farage, Dara Costa Rattes, Lourdes Yamila Quintero Rojas, Virgínia Tiradentes Souto, Tiago Barros Pontes e Silva	Universidade de Brasília (UnB)
InfoDesign	2024	Quem a norma afeta? Design de informação de uma perspectiva feminista	Bianca Novais Queiroz, Virgínia Tiradentes Souto	Universidade de Brasília (UnB)
CIDI & CONGIC	2024	E-learning para Empoderamento de meninas e mulheres nas áreas STEM	Alynka Joyce Borges da Silva, Lisandra de Andrade	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
CIDI & CONGIC	2024	Design em favor de mulheres potiguaras LGBTQIAP+: pertencimento em espaços públicos	Lorena Gomes Torres, Helena Rugai Bastos, Amannda Cavalcante	Campus Universitário Lagoa Nova (UFRN)
CIDI & CONGIC	2024	Mulheres impressoras em São Paulo no século XIX: a oficina litográfica de Philippina Lichtenberger	Layne de Marco de Paula, Priscila Lena Farias	Universidade de São Paulo (USP)
CIDI & CONGIC	2024	Discurso, design e informação: performatividades de gênero na série Power Rangers	Wilton Carvalho Ferreira, Guilherme Ranoya Seixas Lins	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
CIDI & CONGIC	2024	Representação de Gênero em Pictogramas de Sanitários Públicos: Um estudo exploratório	Thaís Alves Andrade, Fabiano de Vargas Scherer	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Em relação aos conteúdos, as pesquisas identificadas foram divididas em categorias temáticas principais, apresentadas a seguir.

Invisibilização na história

Esteves (2023) revisita a história da visualização de dados (DataViz), a partir de uma perspectiva feminista, interseccional e decolonial. O estudo parte da constatação de que a produção acadêmica sobre a história dessa disciplina tende a ser amplamente pautada nos escritos de homens brancos e cisgênero, oriundos de países ricos, com narrativas

eurocêntricas. Diante disso, a autora investiga a trajetória de pessoas historicamente invisibilizadas, pertencentes a identidades étnicas e de gênero diversas, que contribuíram para o desenvolvimento do Design da Informação. Os achados apontam que mulheres e pessoas negras são geralmente deixadas à margem.

Paula e Farias (2023) compreendem a importância das oficinas litográficas paulistas no século XIX e as relacionam com as frequentes omissões e invisibilização das contribuições femininas nesse período. No estudo, a equipe de pesquisa mapeou mais de 370 oficinas, sendo que apenas duas tinham mulheres como proprietárias. Como foco do artigo, as autoras trazem o caso da oficina litográfica de Philippina Lichtenberger, cujo primeiro documento localizado contendo sua assinatura é uma declaração da oficina datada em março de 1887, mostrando que ela havia assumido a direção da empresa. Esse fato ocorreu pouco tempo antes da morte de seu marido, em junho do mesmo ano. No entanto, sua trajetória pessoal e profissional dentro da oficina permaneceu omitida pela falta de documentos públicos que comprovem seu trabalho e constante participação. As autoras concluem que a história de Philippina não é um caso isolado do Design, pois percebe-se as desigualdades de gênero em diferentes campos de atuação e ao longo do tempo.

Reestruturação de valores

Queiroz e Souto (2024) exploram as normas hegemônicas que refletem os valores de um determinado grupo dominante – homem, branco e europeu – e que são comumente utilizadas para o desenvolvimento de produtos no Design da Informação. Enfatizam as consequências das desigualdades geradas pelo uso dessas normas e as perspectivas de ruptura desse pensamento dominante mediante a revisão de literatura, além de identificar princípios críticos e metodológicos que desafiam a norma em favor de práticas socialmente responsáveis no Design da Informação.

Nessa perspectiva, Ferreira e Lins (2024) analisam um *frame* da 21ª temporada da série em *live-action* Power Rangers (2014) por meio de uma abordagem discursiva pós-estruturalista, que considera os conceitos de “discurso”, proposto por Foucault, e de “performatividade”, por Butler, perpassando as questões de gênero, sexualidade e corpo. Os autores objetivaram evidenciar os modos pelos quais projetos informacionais materializam e são estruturados discursivamente de forma simultânea. Destacaram que o recorte da série analisado apresenta uma caricatura de gênero, uma vez que teatraliza códigos relacionados à performance masculina e feminina, e atua como uma tecnologia de letramento de gênero por meio do Design.

Oliveira e Lima (2021) identificam contrastes relacionados à performatividade de gênero nas tipografias de capas de livros feministas, por meio da análise da composição de cinco capas de obras contemporâneas. Para isso, as autoras conduziram a pesquisa com a participação de 39 mulheres, utilizando questionários compostos por escalas de diferencial semântico. Do ponto de vista teórico, apoiam-se no conceito de performatividade tipográfica do feminino, considerando que as tipografias podem ter gênero e são diretamente influenciadas pelas

características culturalmente difundidas sobre o “feminino”, no que diz respeito às escolhas visuais. As imagens das capas foram coletadas no site da Amazon, a partir da busca pelas palavras-chave “livros feministas”. Concluiu-se que há confluências e dissonâncias em relação à interpretação do significado das tipografias.

Andrade e Scherer (2023) questionam a necessidade de separação dos banheiros públicos de forma binária e as consequentes representações gráficas tradicionais. Os autores refletem se a questão da representatividade em pictogramas permanece indispensável ou se teria se tornado um tema ultrapassado. Para isso, aplicaram questionários e realizaram entrevistas com pessoas que não se identificam com o sistema binário de gênero. Os resultados indicaram uma preferência pelo uso da palavra “banheiro”, devido ao seu caráter neutro. Em relação aos pictogramas, mais de 70% dos entrevistados optaram por ícones que representam um sanitário, pois o foco está na função do ambiente e não em quem irá usá-lo. Por outro lado, os modos tradicionais de representação de banheiros foram considerados não inclusivos e estereotipados. Na utilização de banheiros multigênero, apenas 3 entre aproximadamente 82 participantes cisgênero demonstraram desconforto, o que indica que cerca de 79 participantes não apresentariam objeções a esse tipo de espaço. O estudo enfatiza a necessidade de revisar e atualizar os termos e pictogramas adotados na identificação de sanitários públicos.

Humanismo de dados

Farage et al. (2024) analisam criticamente – considerando contexto, estrutura, acessibilidade e visualização gráfica – gráficos estatísticos sobre mulheres do Distrito Federal, disponíveis no site do Observatório de Violência Contra a Mulher e Feminicídio. O objetivo foi identificar possíveis melhorias e desenvolver critérios de avaliação acerca dos componentes (tipografia, escala, proporção etc.) que influenciam na compreensão e clareza desses produtos. Assim, as oportunidades para melhorias se devem à falta de contextualização e título do gráfico, contextos e narrativas; ausência de dados sobre as mulheres (como etnia, raça e identidade de gênero); falta de padronização; simplificação excessiva de dados em questões complexas (como vítimas de violência contra a mulher); problemas de legibilidade; e, principalmente, na presença de informações incompletas, sem transparência sobre o público-alvo e passíveis a interpretações subjetivas, o que não condiz com a visualização de gráficos de dados sociais. Concluem que a definição de parâmetros humanísticos para a análise dos gráficos se mostrou desafiadora, exigindo a consideração da diversidade presente nos dados públicos, com o objetivo de promover a igualdade de gênero, prevenir a violência contra a mulher e subsidiar a formulação de políticas públicas.

Torres et al. (2024) descrevem o processo de concepção de um aplicativo voltado para mulheres potiguaras da comunidade LGBTQIAP+. A iniciativa de caráter social tem como foco mulheres cisgênero, lésbicas e bissexuais, considerando sua circulação nos espaços públicos da cidade de Natal (RN). O projeto baseou-se na realização de um mapeamento realizado por meio de abordagens co-criativas e participativas, no intuito de contribuir com a segurança e percepção de pertencimento de mulheres que, devido a fatores como preconceito e violência,

não frequentavam diversos locais da cidade. As autoras afirmam que os resultados da pesquisa poderiam ser usados para a construção de políticas públicas voltadas para a comunidade LGBTQIAP+, ressaltando a importância de uma perspectiva humanística dos dados.

Desigualdade de oportunidades

Cruz et al. (2022) exploram diferentes formas de comunicação de dados sobre a segregação vertical de gênero para a criação de uma narrativa que comunique o tema de forma concisa. Os autores desenvolveram visualizações e gráficos sobre alguns indicadores quantitativos e suas correlações – como, por exemplo, as associações possíveis dentro dos contextos: Cultural e Político; Ambiente de Trabalho; e Produtividade e Performance –, os quais foram testados com diferentes usuários. A maioria dos participantes foi capaz de compreender a diversidade de fatores que podem ser associados à segregação vertical de gênero, compartilhando também opiniões e conhecimentos próprios sobre a temática.

Silva e Andrade (2023) apresentam a criação de um ambiente de *e-learning* – pelo Projeto MinaTech, em parceria com o curso de design da UFSC – para apoiar e despertar o interesse de meninas do ensino médio pelas áreas de STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). Para a criação do ambiente virtual, utilizaram a plataforma do *website* do projeto e os princípios do Design da Informação, aliados à metodologia projetual “Design Thinking” (inspiração, idealização e implementação). Como validação, realizaram a avaliação da usabilidade das interfaces para observar o fluxo de navegação e compreensão com duas participantes. Concluiu-se que a solução educacional do *e-learning* é capaz de alcançar um número maior de meninas e mulheres, promovendo o conhecimento e incentivo às áreas de STEM.

3 Discussão

Grande parte das produções identificadas na busca bibliográfica não utilizam diretamente as expressões “Design da Informação” e “gênero” no título, resumo e/ou palavras-chave, mesmo quando esses temas são abordados em alguma medida no corpo do trabalho, o que gerou desclassificações a partir dos critérios preestabelecidos. Dessa forma, dos dez artigos selecionados, apenas um foi obtido a partir das publicações do congresso Ergodesign & USIHC, ou seja, fora do quadro de periódicos e congressos dedicados ao Design da Informação. Além disso, identificou-se grupos temáticos gerais entre os artigos selecionados: invisibilização na história, reestruturação de valores, humanismo de dados e desigualdade de oportunidades. Essas categorizações possibilitaram a formação de agrupamentos por assunto, orientando a leitura e realização da revisão narrativa.

Dentre as pesquisas identificadas na categoria “reestruturação de valores”, é interessante destacar a discussão de Queiroz e Souto (2024), que reflete sobre como artefatos visuais influenciam as pessoas em suas decisões e ações. Para produzi-los, dados são

constantemente submetidos a processos de decodificação e organização, a fim de que se tornem informações comunicáveis aos usuários. No Design da Informação, a contextualização criativa dessas soluções comunicativas é, em geral, mediada por normas preestabelecidas historicamente, que definem o que é considerado um “bom design”. Essas normas refletem os valores de um grupo dominante e um senso coletivo de como “agir corretamente” em sociedade.

Para as autoras, a visualização da informação transforma-se ao longo do tempo, influenciada principalmente pelos avanços tecnológicos. Com a popularização das mídias digitais, abre-se uma variedade de novas técnicas de visualização de dados. Porém, a adoção do paradigma moderno de “transparência, objetividade e neutralidade” como ideal para comunicação ao usuário ainda permanece em diversos trabalhos e pesquisas. No âmbito do Design da Informação, os computadores facilitam cada vez mais a coleta e a análise de um grande volume de dados de maneira “universal”. Contudo, esse discurso hegemônico perpetua múltiplas formas de exclusão e opressão, como o racismo e o sexismo, pois desconsidera características e situações diversas.

Em particular, a neutralidade não permite a criação de espaços para desafiar estruturas, visto que impõe tantos filtros à visualização de dados que prejudica a compreensão das complexidades do mundo. Junto aos avanços tecnológicos e, portanto, às novas possibilidades para o Design da Informação, surge o questionamento acerca desses “valores tradicionais”, perante diferentes perspectivas, como a do feminismo (Queiroz & Souto, 2024). Sob esse ponto de vista, os outros estudos (Ferreira & Lins, 2024; Oliveira & Lima, 2021; Andrade & Scherer, 2023) concentram-se em análises de como a “norma” influencia diretamente na construção desses artefatos visuais, presentes no cotidiano dos usuários, seja nas performances de personagens (em uma série juvenil), tipografias (em capas de livros feministas) ou pictogramas utilizados em espaços públicos (banheiros).

Com intuito de alterar esse cenário, Esteves (2023) retoma a história da visualização de dados, sob preceitos feministas, interseccionais e decoloniais, objetivando incluir e dar visibilidade aos nomes e contribuições das pessoas negligenciadas pela historiografia “oficial” do Design da Informação. Paula e Farias (2023) fornecem subsídios interessantes para pensar tais preceitos ao trazer o estudo sobre Philippina, uma das – apenas duas – proprietárias das 370 oficinas litográficas identificadas no século XIX, em São Paulo. Essa publicação mostra como a participação feminina na história da comunicação visual no Brasil é desvanecida, devido à falta de registros públicos sobre a vida das mulheres.

Esteves (2023) também mobiliza os conceitos de “*data humanism*” e “*data feminism*”, termos presentes em pesquisas que apontam vieses nocivos nos métodos tradicionais de coleta de dados, causando prejuízos para grupos minoritários e gerando desinformação. Esses fatores, por sua vez, levam à opressão e injustiça social. O “humanismo de dados” é uma categoria atribuída a dois artigos. O primeiro trata da importância de considerar a diversidade dos dados públicos para a construção de gráficos sob parâmetros mais inclusivos, propondo a divulgação de informações mais justas (Farage et al., 2024). O segundo

demonstra como a criação de projetos específicos (neste caso, um aplicativo para mulheres potiguares da comunidade LGBTQIAP+) pode auxiliar na coleta e análise de dados humanizados a serem utilizados em políticas públicas (Torres et al., 2024).

Já na categoria intitulada “desigualdade de oportunidades”, Cruz et al. (2022) exploram formas de comunicar a segregação vertical de gênero e analisam a compreensão, por parte de um pequeno grupo de pessoas, acerca dos produtos visuais desenvolvidos. Silva e Andrade (2023), com base em conceitos do Design da Informação, abordam a criação de um ambiente de *e-learning* voltado para apoiar e incentivar meninas do ensino médio que desejam seguir carreiras em áreas de STEM, tradicionalmente dominadas por homens, devido à associação predominante entre essas áreas e características como lógica e racionalidade, historicamente pouco atribuídas às mulheres.

A partir dessa análise, verifica-se que o levantamento de dados sobre “gênero” poderia abranger outros assuntos, como aqueles voltados à comunidade LGBTQIAP+ e à interseccionalidade, indicando lacunas para pesquisas futuras. Apesar disso, compreende-se que os artigos debruçaram-se sobre um recorte específico, o que não invalida sua importância, mas aponta a necessidade de discutir design e gênero para além do conceito binário “mulher *versus* homem”. Essa mudança de paradigma implica tanto na maior representatividade dos profissionais e pesquisadores com identidades diversas, quanto na adoção de perspectivas críticas que problematizem questões referentes ao papel do Design da Informação na construção social do sistema binário sexo-gênero. Com isso, as possibilidades de aprofundamento e reflexão sobre os temas abordados são vastas, tornando o conceito de “gênero”, em toda a sua complexidade, um fator essencial para reformular as teorias e práticas de Design.

4 Considerações finais

No levantamento de pesquisas para análise, houve dificuldades em encontrar os dois termos de busca em conjunto em um mesmo artigo (“Design da Informação” e “gênero”) no título, resumo e/ou palavras-chave, resultando em uma diminuição considerável do número de estudos selecionados. Entretanto, isso não necessariamente representa uma escassez de pesquisas sobre gênero no campo, mas sim a não utilização do termo “Design da Informação” nos artigos.

De modo geral, constatou-se uma predominância de artigos voltados à perspectiva feminista, havendo poucos estudos sobre outras questões de gênero, como as relativas à comunidade LGBTQIAP+. Esse cenário levanta questionamentos acerca da falta de diversidade em termos de representatividade, além da ausência de menções às pessoas transgênero e agênero.

Entende-se, portanto, que as pesquisas em Design – mesmo aquelas já voltadas ao feminismo e à teoria *queer* – precisam considerar a interseccionalidade, tanto em suas

contextualizações e temas quanto em relação aos pesquisadores com identidades dissidentes, visando a um campo do conhecimento mais diversificado e empático.

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- Andrade, T. A., & Scherer, F. V. (2024). Representação de Gênero em Pictogramas de Sanitários Públicos: Um estudo exploratório. In *11º Congresso Internacional de Design da Informação e 11º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design*, pp. 128–146. Blucher.
- Berwanger, A. C. (2016). Os usos sociais do design e a sociedade dividida em classes - alguns apontamentos sobre a obra *A distinção: crítica social do julgamento*, de Pierre Bourdieu. *Estudos em Design*, 24(1), 71–87.
- Butler, J. (2014). Regulações de gênero. *Cadernos Pagu*, 42, 249–274.
<https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>.
- Cruz, L. P. M. et al. (2022). Avaliação da compreensão na visualização de dados sobre a Segregação Vertical de Gênero. In *18º Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia*. Blucher.
- Esteves, S. (2023). The people DataViz's history ignores: a step forward to an intersectional history of Data Visualization. *InfoDesign-Journal of Information Design*, 20(1).
- Farage, H. C. G. et al. (2024). Visualização de dados para promoção dos direitos das mulheres: uma análise dos gráficos do Observatório de Violência Contra a Mulher e Feminicídio. *InfoDesign-Journal of Information Design*, 21(2). Blucher.
- Ferreira, W. C., & Lins, G. R. S. (2024). Discurso, design e informação: performatividades de gênero na série Power Rangers. In *11º Congresso Internacional de Design da Informação e 11º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design*, pp. 1198–1212. Blucher.
- Frascara, J. (2011). ¿Qué es el diseño de información?. Ediciones Infinito.
- Louro, G. L. (2001). Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Estudos feministas*, 9(2), 541–553. <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2001000200012>.
- Louro, G. L. (2003). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (6ª ed.). Editora Vozes.
- Miskolci, R. (2009). A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, 11(21). <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/8863>.
- Pelúcio Silva, L. M. et al. (2023). Género y Diseño: binarismo, transgresiones y transdisciplinariedad. *Cuaderno 191 | Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 2023/2024, 59–79.
- Pettersson, R. (2002). *Information design: An introduction*. John Benjamins Publishing.
- Portinari, D. (2017). Queerizar o Design. *Arcos Design*, 10(1), 1–19.
<https://doi.org/10.12957/ARCOSDESIGN.2017.30937>.

- Oliveira, G. A. F., & Lima, S. (2021). Análise semântica de capas tipográficas de livros feministas: discussões sobre performatividade de gênero. *InfoDesign: Revista Brasileira de Design da Informação*, 18(2).
- Paula, L. M., & Farias, P. L. (2024). Mulheres impressoras em São Paulo no século XIX: a oficina litográfica de Philippina Lichtenberger. In *11º Congresso Internacional de Design da Informação e 11º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design*, pp. 1797–1807. Blucher.
- Queiroz, B. N., & Souto, V. T. (2024). Who does the norm affect? Information design from a feminist perspective. *InfoDesign-Journal of Information Design*, 21(3). Blucher.
- Silva, A. J. B., & Andrade, L. (2024). E-learning para Empoderamento de meninas e mulheres nas áreas STEM. In *11º Congresso Internacional de Design da Informação e 11º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design*, pp. 1181–1197. Blucher.
- Teles, M. A. A. (2023). *Feminismos, ações e histórias das mulheres*. Alameda.
- Torres, L. G. et al. (2024). Design em favor de mulheres potiguares LGBTQIAP+: pertencimento em espaços públicos. In *11º Congresso Internacional de Design da Informação e 11º Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design*, pp. 1303–1318. Blucher.

Sobre os autores

Guilherme Cardoso Contini, Me, Unesp, Brasil <guilherme.contini@unesp.br>

Gabriela Simão Dias, Ma, Unesp, Brasil <gabriela.s.dias@unesp.br>

Luis dos Santos Miguel, Me, Unesp, Brasil <luis.miguel@unesp.br>

Manuela de Azambuja, Ma, Unesp, Brasil <manuela.azambuja@unesp.br>

Fernanda Henriques, Dra, Unesp, Brasil <fernanda.henriques@unesp.br>